

DESCOBRIR O ROTEIRO

FLAVIO MANSO VIEIRA

No dia em que o cinema brasileiro descobrir a substancial importância do roteiro — o roteiro na real acepção da palavra — terá então descoberto o caminho definitivo para sua independência financeira e comercial. O roteiro é peça fundamental para a feitura de um filme e é ele que prepara o espetáculo, induz o diretor e determina a linha de interpretação dos atores. Com um bom roteiro em mão, temos a certeza de um filme bem encaminhado.

Não são poucos os que confundem roteiro com argumento e vice-versa. Um bom argumento pode ser desperdiçado num mau roteiro, assim como um mau argumento pode ser valorizado por um bom roteiro.

O roteiro é a forma de se contar cinematograficamente a história e nele já está implícito, de certa forma, o ritmo e a montagem, prevendo até certo ponto, o tempo de saturação da cena e motivando o espectador a seguir o filme com curiosidade, graças ao seu ritmo interno que é tão importante quanto o ritmo externo que o diretor irá lhe proporcionar.

Todo o cinema industrial e comercialmente desenvolvido mantém uma linha de roteiristas, que não raro, passam à direção, pois intuitivamente são diretores em potencial que dependem apenas da tarimba técnica. Os grandes estúdios e os grandes produtores e mesmo os diretores importantes têm seus roteiristas certos, que são convocados para a difícil tarefa de se adaptar uma obra literária famosa, um "bestseller" ou simplesmente uma história linear, pois a colaboração desses homens é de inestimável valor.

É muito pouco freqüente encontrar-se entre os grandes diretores do cinema universal, aqueles que trabalhem sozinhos como argumentistas, roteiristas e diretores de seus filmes (ao contrário do que se observa no Brasil). Mesmo quando o diretor é extremamente individualista, ele convoca um roteirista de sua confiança para trabalhar em mútua colaboração. Outros há que preferem uma verdadeira equipe de roteiristas, como Luchino Visconti, pois, segundo sua experiência, diversos cérebros trabalhando uma mesma história encontram soluções logicamente mais adequadas. Outros como Fellini, cujos filmes



Isabella Cerqueira Campos em "As Quatro Chaves Mágicas", de Alberto Salvá, roteiro ganhador do Prêmio INC e troféu Coruja de Ouro

são às vezes estritamente pessoais (Fellini 8 e 1/2, *Giulietta degli Spiriti*, *Amarcord* etc.) tampouco se abstém da colaboração de um roteirista especializado, sendo a arte do cinema, na verdade uma arte de equipe.

A grande falha do cinema brasileiro consiste na pouca importância dada ao roteiro e ao roteirista. Filmes com roteirista que não o próprio diretor, tornam-se uma alarmante exceção e quase sempre os industrialmente mais bem sucedidos. Talvez em face das dificuldades oferecidas pela carência de infraestrutura, nossos diretores são ao mesmo tempo argumentistas, roteiristas e diretores, como que pretendendo realizar um filme de autor. Mas filmes de autor só são realmente bem sucedidos num cinema industrialmente independente, pois o fracasso comercial de um filme pode representar para o autor, o fim de uma carreira que mal iniciou, ou trazer-lhe, pelo menos, grandes dificuldades para a realização de um segundo filme.

Temos observado na sua grande generalidade, filmes com boas idéias sem roteiro. Se a idéia é feliz, o tratamento apresentado no roteiro é deficiente e ela se perde num amontoado de cenas encadeadas sem vibração sem ritmo interno e exterior. Por outro lado, a delineação psicológica dos personagens aparece extremamente depauperada e desprovida de qualquer realidade mais palpável. Essa prática tem prejudicado o cinema brasileiro e de certa forma alienado o sentido de seus resultados práticos.

Por outro lado, no cinema brasileiro existe certa confusão na filmagem de obras literárias, no que concerne à adaptação e ao roteiro propriamente dito. A adaptação não significa roteiro, mas sim a substância cinematográfica extraída da obra, o aproveitamento daquilo que poderá funcionar favoravelmente no cinema, eliminando o contexto exclusivamente literário ou dispensável para a história

cinematográfica. O roteiro é o encadeamento rítmico e emocional dessa adaptação. É a seqüência mais inteligente para o resultado cinematográfico final, que pode assumir várias formas, dependendo do roteirista que a vê. A adaptação é em última análise o argumento (já extraído da obra original) e o roteiro a forma de se contar cinematograficamente essa história. A adaptação de uma obra literária é difícil e importante, porque deve trazer os elementos básicos, a emoção e a intenção do autor, sem subvertê-lo ou interpretar a história de tal forma que o romance original nela não seja reconhecido. O roteiro terá uma tarefa ainda mais ingrata: tomar a adaptação, dar-lhe encadeamento e ritmo cinematográfico, sem subverter a origem literária e esvaziar a adaptação.

Há, porém, livros que são escritos quase como roteiros cinematográficos e nessas circunstâncias uma adaptação é quase o roteiro definitivo. Nesse caso, está Shakespeare que muitos já afirmaram, com muita propriedade, ter escrito para o cinema. Suas peças revelam uma seqüência dinâmica e cada cena motiva uma decomposição de planos, típica dos filmes intimistas. Na verdade, sente-se em Shakespeare que um jogo de câmara flui em primeiros planos, em planos de fundo, em panorâmicas como que antecipando de 400 anos uma estética que apenas o desenvolvimento do cinema no nosso século iria criar. Esse encadeamento de seqüências e essa sugestão ativa de planos é uma excelente definição para o que venha a ser um roteiro cinematográfico.

Urge no cinema brasileiro uma revisão sobre o conceito do planejamento de produção com o aproveitamento dos bons roteiristas que casualmente se revelem. Tal estímulo será de inestimável valor para o aprimoramento de nossa produção cinematográfica e sua conseqüente aceitação no mundo, hoje fixada apenas em exemplos esparsos, representativos talvez, de talentos isolados, mas não de um cinema que anseia por crescer e projetar-se indiscriminadamente.



"O Quarto", de Rubem Biáfora, com Giedre Valeika e Sergio Hingst — Prêmio INC de "melhor roteiro"

Roteiristas: Prêmios do INC

Roteiristas laureados com Prêmios INC e (a partir da produção lançada em 1969) também com troféus Coruja de Ouro:

1966: Walter Lima Junior (**Menino de Engenho**);

1967: Domingos Oliveira (**Todas as Mulheres do Mundo**);

1968: Rubem Biáfora (**O Quarto**);

1969: Antonio Carlos Fontoura (**Copacabana me Engana**);

1970: Carlos Diegues (**Os Herdeiros**);

1971: Alberto Salvá (**As Quatro Chaves Mágicas e Um Homem Sem Importância**);

1972: Jorge Ileri (**Viver de Morrer**);

1973: Hugo Carvana e Armando Costa (**Vai Trabalhar, Vagabundo!**).